



Jornal das Senhoras – Tomo VI. – 3 de setembro de 1854 – Edição 36

Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1854_00036.pdf

3º ANNO.

TOMO VI – DOMINGO, 3 DE SETEEMBRO DE 1854.

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Literatura, Bellas-Artes e Theatros.

O programa e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa

SELO: BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

CHRONICA DOS SALÕES.

Ainda tenho de fallar-vos dos ultimos dias do brilhante mez de Agosto, não obstante estar escrevendo esta chronica no primeiro dia de Setembro, cuja apresentação vem com as mais bellas esperanças para o mundo elegante que deve affluir hoje aos salões do Sr. Ministro do Imperio por occasião do anniversario natalicio de uma de suas queridas irmãs.

Na verdade o mez de Agosto bem merece os nossos agradecidos cumprimentos e os adeuses saudosos dos que tiveram a fortuna de lhe poder apreciar os encadeados divertimentos, os doces prazeres que engrinaldarão seus dias alegres e animados. Ainda nos seus ultimos instantes de existencia elle distribuia desvelado pelos nossos salões as graças, as bellezas, a elegancia, o movimento da sociedade fluminense, ao clarão de milhares de velas que illuminavam-lhe suas noites tepidas e embalsamadas. Ainda no sabbado passado erão os salões da *Sylphide* e dos Militares os que disputavão a conquista do maior brilhantismo e concurrencia. No Domingo o theatro de S. Pedro, com a estréa do novo actor, desempenhando o papel de Pedro na *Ignez* de Castro. Na segunda feira, o predilecto Ferranti, atupetando o theatro lyrico com os seus numerosos convidados e affeiçãoados. Na terça feira, o concerto em beneficio do Sr. Malavasi, obsequiado por luzida reunião, que se retirou satisfeita, não só da magnifica

execução que teve o bello programma que lhe foi offerecido, mas ainda das delicadas maneiras do beneficiado e sua espirituosa esposa. Na quarta feira, dous casamentos, um esplendido oitavario de noivado; e os annos de uma mimosa e feiticeira menina, das verdadeiras perolas do Brasil, que á agradável casa de seu estimavel Pai, um dos nossos respeitaveis magistrados, attrahiu escolhida sociedade que entre os prazeres da dança e do canto, passou uma noite alegre e completa. Oh! tu nos deixas, Agosto, bem saudosas recordações..... Jámais serás olvidado. Os teus ultimos instantes forão chuvas de flores que ainda vão entapizar os salões aromatizando os dias do teu successor Setembro!

Mas está me parecendo que as minhas amaveis e queridas leitoras hão de querer que a Francina lhes diga a sua opinião ácerca dos dous bailes que se derão na mesma noite de sabbado. Nós somos tão curiosas, e um baile de bom-tom nos interessa tanto, que por força ha desejos de saber-se qual dos dous esteve melhor. Cá para mim, que estive em ambos, ambos estiverão bons: Os militares gostão de pelejar, e por isso é já o segundo combate que dão este anno, e de que teêm sahido victoriosamente, como é de esperar da sua briosa coragem. O baile de sabbado esteve muito concorrido; havia muito *toilette* rico

e de bom gosto, e muita moça capaz de fazer um militar incorrer nas penas que lhes impõe a lei dos *casamentos*, por causa da qual houve nesse mesmo baile muitos tiroteios interessantes das nossas bellas contra alguns representantes da Nação, entre os quaes um velho militar, apesar de coberto dos louros dos combates, viu-se em apuros no vivissimo cerco que lhe derão algumas espirituosas meninas, travessas como dizem ser o Deus Cupido.

O baile da *Sylphide*, com a sua pouca concurrencia, esteve comtudo bem animado. E se muitas das flores que se vião nos salões do *Club* fugirão às onze horas para o baile dos militares, outras de lá vierão para substituir-lhes a falta no delicado bouquet que formavão.

Por hoje fico aqui, que tenho pressa em aprontar-me para o grande e popular baile da Beneficencia Franceza, que deve ser encantador. Adeus, queridas leitoras.

Francina Oscenia.

2 de setembro de 1854.

VESTUÁRIO DE PASSEIO. — Chapéu de grade de palha, forrado de seda, enfeitado de renda e fita branca.

Vestido de tafetá côr de camurça, saia ornada de dous largos folhos guarnecidos de fita de velludo.

Corpo afogado. Collarinho de *guipure*.

Mantelete-*Imperatrice*, enfeitado de fita achamalotada e duas ordens de larga renda *guipure*.

VESTUÁRIO DE BAILE. — Penteado de bandós fortemente ondedos, corôa de trança, e rosas escaletes com folhagem de ouro por ornamento.

Vestido de filó de blonde liso, com a saia enfeitada de sete folhos orlados com uma ordem de fita a *disposição* escalete e ouro.

Cabeção de pregas e folho, enfeitado ao mesmo gosto dos folhos do vestido.

Mangas de folho.

Guarnição de rosas *Batton* escaletes com folhagem de ouro para o peito e hombros.

A ROSA DO SEPULCHRO.
POR D. M. DE O QUINTANA.
(Continuado do n.º 35.)

Eis a nossa Ethelvina de agora, amigo leitor; isto é, mais bella, mais sentimental, e em uma palavra, o idealismo personificado.

Seu oculo assestado sobre o pequeno grupo dos nossos tres amigos, houvera despertado, como dissemos, a attenção de Telesforo. Mas, mesmo porque ella observasse haver despertado essa attenção, volveu-o logo para a scena; e porém, tão infelizmente, que deu com o braço no seu leque que se achava na balaustrada do camarote, e atirou-o á platéa.

— Louco! apostrofou Cyrillo a Telesforo, vendo-o precipitar-se para apanha-lo.
Mas foi inutil.

Telesforo deu que fazer a uma meia duzia de cálos dos seus visinhos, cahiu por cima de dous ou tres, que soltárão alguns gemidos, e foi como um possesso arrebatado o objecto de seus cuidados, nada menos que da mão do Sr. visconde das Pereiras, gritando:

— Larga!
O Sr. visconde das Pereiras foi-lhe ao alcance.
— Sigamo-los, disse Cyrillo ao ouvido de Ricardo.

E os dous amigos tambem sahirão, e cautelosamente, para não despertarem a attenção dos curiosos.

Mas, assim que se acharão fóra do recinto, com grande surpresa, virão Telesforo em mangas de camisa, e o visconde rindo-se ás gargalhadas.

— E então? perguntou-lhes Ricardo um pouco serio.

— E então, respondeu Telesforo, o senhor logo ao principio, alcançando-me pela gola da sobrecasaca, quiz pespegar-me uma tremenda *xulipa*. (1) Eu desviei-me, e ia já dar-lhe um *refresco* (2) com quatro *pés de punzinas*, é um *canga-pé*, quando na occasião em que me dispunha a *calçal-o* (3), elle deu-se a conhecer pelo *toque*. A' vista disto nada lhe fiz; pois ahi o senhor, tambem *falla com o diabo á meia noite*. (4)

E Telesforo tornou a enfiar a sobrecasaca que despira para mais a commodo refrescar o Sr. Visconde.

(1) Bofetada.

(2) Uma sóva.

(3) Esta expressão, e as antecedentes pertencem a uma giria offensiva, empregada na arte capoeiral.

(4) Pertence á Sociedade dos homens livres.



MONITEUR DE LA MODE

Paris. Rue Richelieu 96.



— Criança! disse Cyrillo. E rindo-se, accrescentou: ora bem, já que estão feitas as pazes, vai entregar esse leque, e volta a ter connosco.

— Não vai bem! Não vai bem! interrompeu o Visconde. Eu sou o Visconde das Pereiras, e como fui o offensor, devo uma satisfação, aqui ao senhor... ao senhor...

— Telesforo um creado de V. Ex.

— ... ao tal Sr. Telesforo. E pois meus meninos, apesar de ser fidalgo, gosto de vocês outros filhos do povo, e os convido agora para virem beber, á minha custa, um cópo de Champagne.

Era uma grosseria: mas o Sr. Visconde das Pereiras quizera obsequiar e não offender.

O convite foi aceito apesar de uma gargalhada de Telesforo, de um sorriso de Cyrillo, e da indiferença de Ricardo.

Dirigirão-se em continente para um hotel que julgarão mais conveniente, e forão tomar logar a uma mesa, onde já se achavão dous mancebos, conhecidos dos nossos tres jovens.

Um delles era o Sr. Carvalho, estudante da Aula do Commercio, moço dos seus trinta annos, barrigudo, soffrivelmente yesgo. O outro era um cadete do 1.º regimento de artilharia a cavallo, que poderia ter vinte annos, joven moreno, de bigodes retorcidos, e que se chamava o Sr. Leandro.

Bem depressa o Sr. Visconde fez tambem conhecimento com elles, e mandou vir logo quatro garrafas, depois mais seis, e acabou por pedir encarecidamente aos cinco mancebos, que aceitassem o convite que lhes fazia para o seu proximo casamento com a filha unica de um rico, ou antes, de um millionario pasteleiro.

Ninguem recusou.

O casamento devia de celebrar-se d'ahi a tres dias no oratorio da sua fazenda, na Guaratiba.

Os cinco amigos prometterão sob palavra de honra, que lá achar-se-hião, e o Sr. Visconde levantou-se alegre e satisfeito.

Os mancebos, não se mexerão.

— Até lá, disse o Visconde partindo.

— Até lá, responderão á uma, todos os mancebos.

E enquanto que os seus quatro amigos, ajustavão-se para passarem o resto daquella noite em um hotel que designarão a Ricardo, este preocupado por outros pensamentos, foi assistir ao final do espectaculo, levando consigo o leque que Telesforo lhe cedera.

Collocado na platéa, entre uma multidão louca e frenética, Ricardo, sómente via uma estrella desferindo raios scintillantes que lhe partião direitos ao coração.

Seus ouvidos fechados para a harmonia da orchestra, estavam votados a uma outra mais bella, e que sómente elle poderia ouvir! E seus pensamentos, o havião magicamente transportado para um novo céu côr de rosa, situado muito abaixo do firmamento! Isto é, Ricardo sómente via a Ethelvina, phantasiava ouvir o som da sua melliflua voz, e se imaginava no camarote della, fallando-lhe fallas como mortal algum jámais fallara, e sendo igualmente feliz, como também mortal algum jámais o podera ser!

Oh! doiradas ficções do amor! para extinguir-vos, basta sómente a menor centelha da razão, quando a razão impéra!

Mas Ricardo amava, e amor era sua vida! Amor que muito lhe houvera pedido, e que também por isso, talvez, muito lhe devesse!

E de facto: em um momento de reflexão, eclipsou-se a sua estrella, a sua harmonia extinguiu-se no espaço da realidade, e o céu côr de rosa tomou o aspecto de uma prisão onde a pomba era guardada pelo abutre.

O abutre era o commendador Emygdio.

Ricardo que tanto amava, e que (cumpre confessar) não suspeitava ser, nem ao menos conhecido, percebeu o pano baixar pela ultima vez, e viu Ethelvina sahir do seu camarote, guiada pelo braço de seu feliz rival!

E nem para elle olhou!

E nem sequer um signal de despedida! Nem um gesto de compaixão, ou um adeus expresso pelo movimento do lenço mysterioso! Nada, absolutamente nada! Era o gelo que se afastava, sem cuidar do fogo que ficava.

Ricardo também sahiu.

E quando se achou na rua, favorecido pela amortecida luz de um lampeão, tirou do seu bolso um querido objecto para contemplar. Ricardo abriu um elegante leque de marfim, e foi ler em uma das suas varetas nada menos que estas palavras escriptas a lapis, a *rosa do sepulchro*.

Ricardo deu um grito. Beijou essas mysteriosas palavras, e deixou que uma lagrima ardente tombasse sobre ellas.

— Sim, minha querida Ethelvina, disse elle. A rosa é sempre bella, ainda mesmo sobre o sepulchro!

E combatido por tristes pensamentos, foi em seguida reunir-se aos seus amigos.

TRES CAMAS PARA CINCO.

Folguemos, amigos, que a vida é breve!

Quando Ricardo chegou ao hotel, foi conduzido por um caixeiro para um pequeno sótão do segundo andar, especie de aguas furtadas, onde já se achavão os seus amigos, em plena paz com Morpheu.

Tres erão as camas, e elles já se achavão mettidos nellas, dous a dous, para reservarem uma para Ricardo.

— Ah! tocou-me o pansudo, meus amigos! gritou Telesforo, quando se forão deitar, vendo que o seu companheiro de cama era o estudante barrigudo. Volta essa maldita barriga para a parede, pipa sem igual! Volta, e não me falles, não me perguntes nada, que está me affligindo a tua companhia! Oh! que barriga! que barriga! E durma-se lá, com uma pansa destas ao lado! (*)

(*) Outr'ora destinaramos alguns trechos deste capitulo para um romance de outra ordem; mas como o não levámos a effeito, aproveitámos o trabalho que já se achava prompto.

— 284 —

Leandro e Cyrillo, rirão-se ás gargalhadas, enquanto que o barigudo, todo insultado, arrimou a sua barriga de encontro á parede, e principiou a roncar.

Ricardo entrou.

São duas horas da madrugada.

Ouve-se o resonar dos mancebos, e o zumbir de um insecto votado contra o silencio da noite. A véla quasi ao apagar-se bruxolea lugubrememente mettida no castiçal, e o sino da Candelaria, pesadamente marca a hora em que nos achamos. Dissereis que a natureza geme ao medonho echo que a viração procura extinguir, e que, cada badalada, resôa tristemente no coração de envolta com o seu palpitar!

Ricardo está agora assentado junto de uma mesa, com um braço em cima della, e nelle descansando a cabeça.

Volve os olhos aos seus companheiros.... todos dormem!

E' pois o unico acordado, nesta hora solemne.

— Ninguem me escuta! murmurou elle em voz baixa. E tu tambem dormes, Cyrillo, tão feliz e tão tranquillamente! Ah! que sempre o teu fado te seja propicio, e que nunca sintas os males que martyrisão o coração do teu amigo!... Ethelvina, continuou elle, sê tambem feliz, e

esquece-te, já que assim é preciso, que de saudades morro! Nunca saibas que nesta hora fatal, lagrimas humedecerão os meus olhos, ao lembrar-me que te vi tão feliz ao lado de outrem! D'aqui a pouco, quando o dia raiar, debalde procurarei-te-hei neste Rio de Janeiro, que adormecido agora, nem se lembra, que sómente és tu a vida do seu viver.

— Oh! que é bem verdade! Mas o que queres? Este Rio de Janeiro é assim, meu amigo!

— Telesforo!

— Caluda! não me acordes o pansudo.... Com que, dizias que este Rio de Janeiro...

— Pois ouvistes?

— Boa duvida!

— E tambem seu nome? perguntou Ricardo sobresaltado.

— Seu nome? Ah! sim..... Emilia, ou Ernestina.

Ricardo respirou.

— Sim, foi um dos dous, disse elle.

Telesforo ficou pensativo.

— Tu amas, Ricardo? perguntou a final cobrindo-se de triste pallidez, quanto me penalisas! Por ventura acreditarás tu, que essa quem quer que seja, a quem sacrificas as tuas noites fará outro tanto por teu respeito? Acredita-me, Ricardo, no seculo em que vivemos tudo está corrompido, e as mulheres já não sabem amar! (*)

Se hoje a tua amante se mostrar terna e carinhosa para contigo, amanhã nem se lembrará de que existes, se um outro se lhe apresentar mais bello do que tu, mais rico e mais cheio de seducções. Se quizeres, Ricardo, que a tua amante te seja sempre constante, adquiere ouro, somente ouro, e apresenta-te então!

— Telesforo!

— Sim, é isso! disse Telesforo animando-se. A mulher ama o fausto, o luxo, a grandeza. Tu, se não possuires senão um coração amante e magnanimo; tu, se não souberes a arte de illudir, e se não possuires ouro aos milhões; serás sempre sacrificado ao primeiro que se apresentar, e que todos esses predicados tiver! Que importa um amante extremoso, seus sacrificios, seu amor, e a propria doação da sua vida, se tudo isso não vier documentado com uma somma de ouro, unico amante querido, e que abre as portas á todos os prazeres?... Não te afflijas, Ricardo, digo-te isto porque sou teu amigo, e porque me penalisa ver-te tão amante, e tão infeliz! (*)

— Sim, isso é assim! Disse Cyrillo erguendo-se e vindo reunir-se aos seus amigos, sem saber mesmo ao que dava o seu assentimento. Não se póde dormir... Tres camas para cinco!

— Bravo! disse Telesforo em voz baixa, e recobrando a sua habitual alegria: eis a trempe formada!

— Então dizias, Telesforo, que Ricardo.....

— Eu dizia que Ricardo está louco, apaixonado.

— Eis ahi o que não acho muito rasoavel, disse Cyrillo olhando para Ricardo. E erguendo a voz continuou: — Eu no teu lugar, meu bom Ricardo...

— Oh! Cyrillo! que máu costume! observou Telesforo. Olha o pansudo, meu amigo... falla mais baixo!

— Ah! é verdade. Mas então, Ricardo, essa a quem amas...

— Cyrillo! Cyrillo! que pessimo dormir! exclamou Leandro o companheiro de cama de Cyrillo. Ai! déste-me agora um ponta-pé!

— O' Leandro! Sonha de outra maneira, meu amigo; pois eu não estou ahi contigo, respondeu Cyrillo.

— Pois então, quem é que está aqui?...

— Quem é? disse Telesforo rindo-se ás gargalhadas. E' o pansudo, meus amigos! Lá vejo a sua enorme barriga!

Com effeito. O estudante barrigudo, apenas conheceu a ausencia de Telesforo, cheio de um panico terror por se achar só, ergueu-se sorrateiramente, e foi deitar-se no lugar que Cyrillo acabava de deixar ao lado de Leandro, e ahi principiou a roncar tranquillamente.

(Continúa.)

(*) Perdão, formosas leitoras, ou vós, que fordês os prototypos da constancia.

(*) Não admittimos a absoluta opinião que fôrma da mulher este personagem do romance.

A Redacção.

— 285 —

POESIA.

MEU SONHO MORTO!

Tout est fini; la cendre est rendue à la terre.

Personne n'a suivi sa dépouille mortelle.

Aucun pas n'est marqué sur le bord du chemin.

Alfredo de Musset.

Eu vi-te adormecida como um anjo

Scismando em nuvens aureas seu destino;
Erão tuas faces pallida açucena,
E de teus olhos o languor divino.

Teu collo alabastrino resfolgava
Sob o véo de tuas tranças castanhas;
Entreabertos teus labios me sorrião,
Frescas rosinhas pelo sol fanadas.

Por entre a transparencia de tuas palpebras
Luzia-te uma lagrima opprimida:
Quem sabe se em teu leito desmaiaste
Ao peso de uma dor desfallecida?

Conta-me, anjo do céu, por Deus te peço
Que repartas commigo os teus segredos:
— Talvez fosse um capricho não cumprido
No delirio infantil de teus folguedos.

O que podes sonhar aos quinze annos?
Que pensamentos segredares n'alma?
Oh! na tua idade tem o céu fulgores,
O mar é bello e a superficie calma.

Tu não pensas ainda o que é a vida
Viver sósinho sem amor na terra;
Se o pensáras, meu Deus! já comprehendêras
O amor fervente que meu peito encerra.

Mas ella, coitadinha, adormecida
Como um anjo isolado em seu retiro,
Em seu leito de maguas revolveu-se,
E ondearão seus seios n'um suspiro.

Sentida endeixa de um amor d'archanjo
Que cada nota reflectia um ai!
Oh! pudesse eu tambem as minhas magoas
Juntal-as todas no sentir de um ai!

Algum tempo passou-se — acesas tochas
Condução um corpo a enterramento:
Era o meu sonho — acompanhado o triste
Da orchestra festival de um casamento!

B...

UM PENSAMENTO

(PEDIDO PELA EXMA. SRA. DONA R. E. L. G. PARA O SEU MIMOSO ALBUM).

Da vida já provo os pezares,
Da vida os prazeres não sinto!.
(Ballata de S. Silva Rios.)

Linda virgem — um pensamento
Queres de mim? Ah! formosa,
Para que um triste goivo
Onde existe a bella — *rosa*?

Não floresce neste prado
Branco lirio tão formoso?
De afagal-o, brando zephyro
Não se julga tão ditoso?

Para que — sem piedade
Triste flor eu ir murchar?
Meu pensamento, oh! bella,
Geme de dor ao passar!

Quando canto geme a brisa,
Que te parece encantar,

Na lyra desfirão sons;
E' minh' alma a suspirar!

Para que — sem piedade
Triste flor eu ir murchar?
Deixa, oh! bella, este teu Album
A quem a vida prezar!!

Innocencio Rego.

S. Christovão 29 de Agosto de 1854.

— 286 —

IMPROVISO

FEITO NO ENCANAMENTO DA CARIOCA, A'S CINCO HORAS DA TARDE.

Quem vive triste no mundo
Procura o doce retiro,
E por isso este logar
Eu a todos o prefiro;
Para saudosa passar
E triste a vida gozar!

Aqui me esqueço
Dores da vida,
E torna-se ella
Appetecida.

No coração
Não existe dor;
Ha só p'ra DEUS
Louvor — amor!!

E. Adelaide da S. Pinto.

MULHERES CELEBRES.

G

(Continuado do n. 35.)

GERBERGE, filha de S. Guilherme, conde de Tolosa. Victima da crueldade de Lothario, usurpador do throno imperial, foi arrastada do convento em que jazia encerrada, e, fechada em um tonel, lançaram-a ao rio Saone, onde pereceu. Muitos autores discordão no motivo que obrigou Lothario a commetter esse attentado. — Uns, e na maior parte, dizem sêr obra da vingança, pois que sobre a innocente mulher desejou o usurpador desforrar-se de Gancelme e do duque de Bernard, irmãos de Gerberge, que se tinham opposto ás suas idéas ambiciosas. — Outros, firmados em uma citação de Danill, a qual diz que antes de abraçar o estado monastico tinha sido ella casada com o conde de Wala, amigo e confidente de Lothario, e que tambem se retirára para a abbadia de Corbia, opinião que foi um umor desprezado a causa unica que tornou Lothario tão perverso.

GERTRUDES BOON, acrobata do seculo XVIII. « Chamavão-a a linda voltajadora, diz Bonnet « na *Historia da dança*; porque voltajava sobre « a corda durante um quarto de hora, e com tal « rapidez que assombrava. »

GERTRUDES DE JESUS MARIA, polyglotta; nasceu em Coimbra em 1707, morreu em 1728. Escreveu sobre a linguistica alguns manuscriptos, e se a morte não a roubasse tão cedo á admiração dos seus contemporaneos, muito maior gloria deixaria á sua patria.

GILIBERTA DE MAGUNCIA. — Amando apaixonadamente um mancebo, e sendo de igual modo correspondida, obrigarão-a a contrariedade dos pais e a sua paixão á fugir disfarçada com trajes varonis para a Inglaterra, lugar em que seu amante se achava a fim de cursar os estudos. Ahi acompanhou-o ella sempre ás aulas, e teve mais tarde de ver a morte arrancar-o de seus braços. Um verdadeiro amor deu logar a enorme transformação; *Giliberta*, a *linda risonha*, como a chamavão no paiz natal, tornou-se sisuda e austera: longe dos seus, e abandonada por todos, com o coração partido, e tendo visto desaparecer a sua ultima illusão, lançou-se como louca á carreira dos estudos, e começou a adorar com um amor intenso os seus queridos livros. Depois de haver adquirido os mais vastos conhecimentos, que tinham sido conquistados á força de perseverança e dos mais terriveis sacrificios, a ponto de explicar as materias dos annos transactos para poder sustentar-se, obteve a corò a que lhe competia: foi nomeada lente de *grammatica, dialectica e rhetorica*. Só depois de morta descobriu-se o seu sexo!

GIONETTA; poetisa e polyglotta. Escreveu diversas obras.

(*Continúa.*)

UM CASAMENTO A' DAGUERREOTYPO.

Era n'uma destas tardes em que o Céu nublado, e a atmosphera carregada, mergulha o pobre coração humano n'um mar de tristeza e melancolia. Um joven, de nosso conhecimento, que ha bastante tempo vivia triste, como o epitaphio de uma sepultura, nessa tarde mais do que nunca achava-se por demais melancolico; e em busca de uma distracção sahiu de casa sem destino, vagando por essas nossas tão pouco acceiadas ruas, e tão indifferente a tudo, que por mais de uma vez foi cumprimentado por um conhecido e amigo, sem que disso dêsse fé.

— 287 —

O nosso joven, a quem chamaremos Julio, tinha apenas seus 24 para 25 annos; era de elegante figura, bonito de rosto, possuia suas trinta e duas apolices, tinha parte n'uma boa casa de commercio, mas era solteiro, e sem nenhum parente aqui, pois que não é filho deste abençoado sólo de Santa Cruz. Ora já vêem as minhas leitoras que um moço assim, tão bem afeiçoado em todos os sentidos, com uma imaginação romantica, e com um fundo todo melancolico, não podia gozar bem a vida sem ligar-se aos doces laços do doce hymeneu. Mas porque não se casava então? me perguntará alguma espiituosa menina que tenha o coração ao pé da boca. A resposta porém é facil: — Ainda não era chegada sua hora. *O casamento e a mortalha no Céu se talha*, diz um velho adagio. De um acaso muitas vezes depende tudo.

O nosso joven melancolico andava pois no seu passeio distrahido, quando ao passar pela rua de S. Pedro, na porta de um corredor, deparou com uns poucos de retratos de daguerreotypo. Parou e pôz-se a examinar esses pequenos quadros que na porta da rua collocados se estendião pelo corredor; e tão attento os via, e com tal minuciosidade, que o dono da casa o convidou a ir ver a sua grande galeria que se achava n'uma sala do interior, collocada com todo o aceio e luxo.

Julio aceitou o convite, e ao entrar nessa pequena sala com todo o gosto arranjada, olhando para o espelho que se achava em frente, divisou o rosto de uma bella, com um sorriso tão feiticeiro, que ficou verdadeiramente magnetisado. Voltou-se immediatamente, persuadido que tinha faltado aos deveres da civilidade com alguma moça que ali se achava, mas deparou com o mesmo rosto do anjo do espelho, que habilmente retratada, apresentava-se tão ao vivo n'um elegante quadro.

Envergonhado da sua emoção, quiz examinar os outros quadros, mas nada elle via; os seus olhos estavam pregados no espelho que representava o tal retrato. A sua imaginação se

combatia com o fogo que se ateava no coração; e esse rosto era tão angelico, havia tanta perfeição nesse retrato, que Julio quiz saber quem era o original. O retratista riu-se, e disse-lhe que era a cópia fiel de uma jovens paulista, filha de um negociante de um dos arrebaldes de S. Paulo.

— Solteira? indagou Julio.

— Sim, respondeu-lhe o homem.

— E parece-se o retrato?

— Muito, permiti-me este orgulho de artista.

— Oh! é necessario ser-se muito perito na arte, para tão ao vivo apresentar um anjo destes, uma cópia, que parece um ente natural, com tantas perfeições nas mais pequenas cousas; oh! por piedade, indicai-me a sua moradia, o logar certo, em que ella existe; eu quero vel-a, eu quero amal-a.

— Oh! senhor! pareceis-me um louco!

— Não! não sou louco! O meu coração ha muito que procurava um objecto que lhe deve dar descanso; porque de ha muito que penso, que sonho com um anjo, que imagino o gozo de uma vida celestial; e esse anjo é o original deste retrato; quero ir a S. Paulo, quero vel-a, quero amal-a, quero que ella seja a minha esposa.

O artista riu-se, e como que para distrahir-o convidou-o a deixar-se estar ali, ao que elle annuindo, em 20 segundos viu-se perfeitamente daguerreotypado, e com tal perfeição, que concorreu para mais exarcebal-o na sua loucura amorosa.

— E's um artista perfeito; o meu retrato é o mais fiel; e agora convenço-me de que esse anjo é o typo da perfeição.

Poucos dias depois no vapor *Josephina* partia para Santos o nosso romantico Julio, e não ha muito que elle se apresentou de novo nesta côrte casado com o original do retrato que amara; casamento que é devido ao seu retrato de daguerreotypo.

As nossas leitoras, hão de por força quererem saber quem é esse artista tão feliz! Nada mais facil. E' o Sr. Justiniano José de Barros, retratista de daguerreotypo, que vende instrumentos, chapas, quadros, caixinhas, alfinetes de peito, etc., tudo do melhor gosto possivel, ensinando a mesma arte, na rua de S. Pedro n. 278.

— E quem é o Sr. Julio?

— E' um feliz moço, rico, bonito, e que achou no original do retrato, uma moça linda, rica, bem prendada, enfim uma excellente esposa.

E digão lá que isto não foi UM CASAMENTO A DAGUERREOTYPO.

I. R.

BOLETIM THEATRAL.

A quadra é animada. Os cartazes annunciadores dos espectaculos succêdem-se tão a miúdo nas esquinas de nossas ruas como as estrellas se succedem pelos cantos do Céu. A comparação é frivola e impropria, mas a época não é a mais propria para a critica theatral. Os applausos de encommenda, as estonteadas e parvas palmas abafão qualquer manifestação de desagrado, por mais leve que seja.

O beneficio do Sr. Ferranti esteve como era de presumir-se, concorrido, apesar da tenebrosa noite que por mais de um foi solemnemente amaldiçoada. Representou-se o *Barbeiro de Sevilha*. Não é preciso descrever-vos as scenas nem contar-vos o enredo da peça: de tão repetida, vai caindo já na monotona expressão das cousas que se barateião facilmente. Os camarotes estiverão cheios, a scena esteve animada. Este nosso publico é tão condescendente!... Soffre de tão bom grado tudo quanto querem que elle soffra!...

— 288 —

Mas isto não é fallar mal da opera, ao contrario todos os artistas esmerarão-se em obsequiar o seu companheiro. A Rosina esteve como sempre hade estar, não precisa mais de commentarios esta noticia. O Sr. Ferranti, para servir-me de uma expressão alheia, já deu com a *quéda* do nosso publico; entretanto, conselho de amigo: é bom não exagerar muito certas facecias por que o grotesco tem suas regras como o ridiculo tem suas parvoices. Talentoso artista como é reconhecido, deve com preferencia lançar mão dos recursos de sua habilidade, do que acompanhar as inclinações de uma parte do auditorio, que sem duvida não é a mais illustrada. Na noite de seu beneficio cada um fez o que quiz, desfigurarão facetamente algumas scenas da peça de modo que prejudicarão suas posteriores representações. Entretanto, apesar de todos os pezares, o Theatro Lyrico é o nosso paraíso, é actualmente onde se póde melhor passar as enfadonhas horas destas nossas noites tão compridas e tão sem sabor.

Não sei se deva fallar do concerto Malavazi, apesar de ser n'um salão do theatro, parece que não póde fazer parte de nossa apreciação, á vista do titulo deste artigo. Mas não posso deixar de dizer que esteve brilhante até o explendido.

O theatro Francez ha muito que não dá signal de vida, quero fallar de Mll. Favrichon. Talvez seja isso devido aos embaraços com que essa empresa luta.

O theatro nacional, que de nacional só parece-me que tem o tijolo e a madeira, vai dando suas representações. E' chegada a época dos beneficios e elles têm estado bem servidos. A

Ignez de Castro foi notada pela estréa do papel de D. Pedro no novo actor o Sr. Amoedo. Tem bastante habilidade, mas precisa ser educado convenientemente para a scena, e que seu proprio talento lhe sirva de guia a ver se salva do naufragio das palmas que costuma afogar e submergir bem boas capacidades. *Genoveva de Brabante* é um lindo drama, seus papeis são quasi todos de força, foi levado á scena em beneficio e teve uma concorrência que não esperava-mos. O Sr. Kiste e seu filho continuão a arrancar bravos e palmas merecidas ao seu talento e destreza.

Emfim; os theatros formão aqui na nossa terra, a parte mais integrante de nossa vida insipida. Oxalá fossem elles administrados convenientemente, de modo que podessem conciliar o util e o agradável, de modo a nos facilitarem noites bellas passadas no sonho de uma musica suave, ou na embriaguez de um lance aberto e tragico que nos fizesse tremer!

MODO DE CONHECER PELO PULSO A QUE DISTANCIA ESTÁ A TROVOADA.

É sabido que o som percorre mil pés por segundo; um segundo é tambem o intervallo de uma pulsação a outra quando o pulso está regular; logo, se entre o relampago e o som do trovão o pulso bate cinco vezes, é signal de que a trovoada está a cinco mil pés — se bate seis vezes, está a seis mil pés, etc., etc.

Anecdota.

Certo official de secretaria costumava tocar rabeca em uma sociedade onde dançavão algumas meninas. Em um dia de gala juntou-se na dita com varios individuos, um dos quaes, para o ridicularisar, lhe disse: — Então o senhor, hoje, não toca a rabequinha? — Ao que elle immediatamente respondeu, fazendo-lhe ver o florete que trazia ao lado: — Não senhor, hoje toco só este instrumento.

CHARADA

Offerecida ao Illm. Sr. D. M. de O. Q.

Quizerão que eu fosse um X,	1
Que ao soldado pertencesse,	1
Que ficasse solitario;	1
Que de Osmino o recebesse!	

(Pela Ex.^{ma} Sra. Dona Augusta M. de O.)

As charadas do n. 35 são: 1.^a, *Cavallo*; 2.^a, *Armario*.

Acompanha este n.º 36 uma estampa com figurinos de baile e de passeio.

TYP. DO *JORNAL DAS SENHORAS*, RUA DO CANO N. 165.